

# DESENVOLVIMENTO

# DO TERROR

# NO CINEMA

EXPRESSIONISMO  
ALEMÃO

MONSTROS

SLASHER

SOBRENATURAL

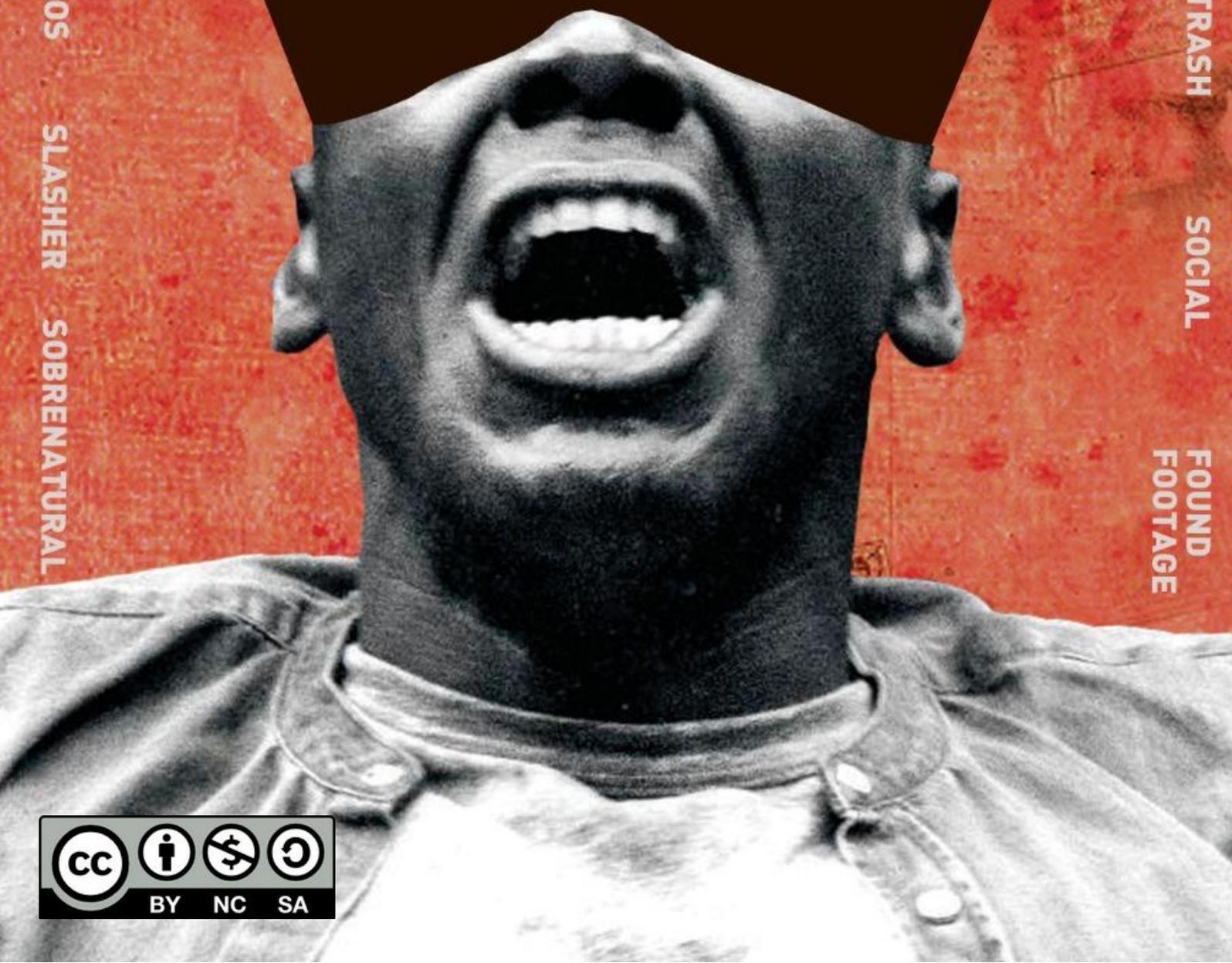
PSICOLÓGICO

GORE

TRASH

SOCIAL

FOUND  
FOOTAGE



# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AO MEDO - POR TIAGO NAKAYAMA .....	1
EXPRESSIONISMO ALEMÃO - POR PEDRO SANTIAGO .....	2
MONSTROS - POR TIAGO NAKAYAMA .....	3
SLASHER - POR LUCAS MARIOTTI .....	4
TERROR SOBRENATURAL - POR GUILHERME TOLEDO .....	5
FOUND FOOTAGE - POR LUCAS MARIOTTI .....	6
TERROR PSICOLÓGICO - POR GUILHERME TOLEDO .....	8
GORE - POR HARPIA COSTA .....	9
TRASH - POR HARPIA COSTA .....	10
TERROR SOCIAL - POR PEDRO SANTIAGO .....	11
TERROR ASIÁTICO - POR GABRIEL SCARPATTI .....	12
TERROR BRASILEIRO - POR GABRIEL SCARPATTI .....	13

Obs: Ao final das páginas irá aparecer um QR code que te levará para uma lista com alguns filmes indicados do subgênero em questão.

# INTRODUÇÃO AO MEDO

O sucesso dos filmes de terror é indiscutível. Clássicos como *Psicose* (1960), *O Exorcista* (1973) e *It – A coisa* (2017) se tornaram marcos na cultura cinematográfica. Mas você já se perguntou por qual motivo gostamos de assistir a esse gênero, cujo objetivo é provocar o medo ou sentimentos relacionados como nojo, tensão, susto e ansiedade?

Antes de tudo, para responder a esta pergunta, é importante explicar a relação do medo com os seres humanos. Este sentimento é um dos mais antigos e instintivos mecanismos de defesa. Ele é uma reação do corpo com o objetivo de prepará-lo para fugir ou lutar em alguma situação de ameaça ou perigo e, dessa maneira, durante a existência da humanidade, exerceu um papel fundamental para a evolução humana. Atualmente, as pessoas ainda sentem o instinto do medo, mas em geral de situações de perigos imaginários que dependem do contexto da sociedade, como temor do escuro, de aranhas e do desconhecido, por exemplo.

Para voltar e responder à pergunta inicial, a psicóloga e mestrande em psicologia pela Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, Bruna Schmitz, explica para a jornalista Esther Klein, na Revista Arco, que o medo proporciona altos níveis de estresse nos seres humanos e, depois de um susto ou uma situação tensa, o cérebro libera uma dose de endorfina, causando uma sensação de relaxamento. Uma explicação possível é que esta endorfina e o tal relaxamento fazem com que as pessoas se sintam atraídas pelo gênero do horror e queiram a experiência outras vezes.

Outra explicação possível é a de que enquanto os humanos sentem medo, seu foco principal se concentra totalmente na situação que está causando o amedrontamento e acaba esquecendo as preocupações menos relevantes para a sobrevivência. Portanto, é comum as pessoas se sentirem menos preocupadas e até esquecerem de seus problemas pessoais enquanto assistem aos filmes de terror.

Nesse contexto, o cinema, ao longo de sua existência, mostrou-se competente em manipular o medo, criando e manobrando situações de perigos imaginários. Desde seu início, a cinematografia esteve ligada com esse sentimento e, já em 1896, foi lançado o filme *Le Manoir du Diable*, dirigido pelo francês Georges Méliès, um curta-metragem considerado o primeiro do gênero de terror, que narra a história de um morcego que invade um castelo e se transforma em Mefistófeles, um demônio que invoca diversas criaturas para atormentar dois cavalheiros.

Para compreender melhor esse grande gênero cinematográfico, a e-zine apresentará seus principais subgêneros: monstros; slasher; sobrenatural; found footage; psicológico; gore/splatter; trash e social, além de sair dos eixos norte americano e europeu para adentrar com menções honrosas nos cinemas de terror brasileiro, japonês, chinês e sul-coreano.

**ESCRITO POR: TIAGO NAKAYAMA**

# EXPRESSIONISMO ALEMÃO

Talvez a melhor forma de compreender um movimento artístico é olhá-lo como um reflexo de seu tempo. No caso do expressionismo alemão, olhar para a sociedade na qual este estava inserido permite compreender suas pretensões estéticas bem como entender seu lugar como originador do cinema de terror.

Contextualizados em uma Alemanha devastada pela guerra, instável, em crise humanitária e onde se via definhando o próspero sonho do Império Germânico, os artistas expressionistas emergem se rebelando contra o tradicionalismo realista e se voltando para a subjetividade como forma de lidar com os sentimentos de angústia que cresciam no inconsciente coletivo da população. Tal proposta de buscar no interior humano as respostas ou um escape para os conflitos exteriores refletem-se esteticamente em produções artísticas que representam o mundo de maneira distorcida e subjetiva, distantes da realidade. Para esse efeito, as ferramentas eram diversas: na música, o uso de melodias ásperas e com grandes dissonâncias; no teatro, jogo de sombras e maquiagens pesadas; na literatura, preferência por temáticas sombrias e despreocupadas com a lógica material; e na pintura, imagens distorcidas e com cores fortes e contrastantes.

No cinema, o movimento ganha força em 1920 com o lançamento do clássico *O Gabinete do Dr. Caligari*, tido por muitos como precursor do expressionismo na sétima arte. Devido a quase simultaneidade nos lançamentos das obras expressionistas, talvez seja questionável o caráter pioneiro do filme de Robert Weich, entretanto, cabe-lhe inegavelmente o mérito por unir brilhantemente as técnicas de outras expressões artísticas para criar uma linguagem própria.



Na história, uma série de assassinatos passa a ocorrer em um vilarejo após a chegada do Dr. Caligari e do sonâmbulo Cesari ao local, levando o protagonista a investigar o ocorrido. Tudo isso se desenvolve em meio um cenário distorcido e entorpecido, com uma fotografia fortemente marcada por jogos de sombras que intensificam a dramaticidade cênica e realçam as expressões exageradas dos atores. Somados, estes dois artifícios criam uma atmosfera de pesadelo, ao mesmo tempo distante do mundo mimético e perigosa. A cena é ainda preenchida por personagens irrealis e propositalmente exagerados, que constantemente beiram à loucura, ora em tom de ameaça, ora em tom melancólico. Por fim, a temática mórbida e que dialoga com o sobrenatural fecham a estética expressionista do longa. Pronto! Tem-se aqui um excelente filme de terror.

É claro que os idealizadores não pretendiam executar um filme de horror, muito menos inaugurar um gênero, mas é fácil compreender por que esta e outras obras do expressionismo alemão são tidas como responsáveis pelo surgimento desse estilo fílmico. Nelas, o medo surge como consequência do ambiente criado o qual, por sua vez, era um reflexo do estado psíquico da Alemanha no período.

Além do clássico comentado, outros também trazem importantes contribuições ao gênero de horror para além das já citadas: *Nosferatu* (1922) inaugura a figura do monstro como representação de um perigo, ao mesmo tempo, assustador e sedutor; *M, o Vampiro de Dusseldorf* (1931) força a sociedade a olhar para o lado sombrio da mente humana e se reconhecer no monstro.

ESCRITO POR: PEDRO SANTIAGO





# MONSTROS

O filme Drácula, dirigido por Tod Browning e interpretado por Béla Lugosi, aclamado pela crítica e pelo público, em que o personagem principal Conde Drácula é um vampiro que passa a aterrorizar Londres ao sugar o sangue de jovens mulheres, transformando-as em vampiras, foi o primeiro grande filme da franquia de Monstros, e seu sucesso deu o pontapé inicial para a Universal começar a investir nos filmes de terror.

Na década de 1950, após uma série de longas que não deram certo, o estúdio estava desesperado para conseguir seu público de duas décadas atrás e, em 1954, surgiu o último monstro original de sucesso criado pela Universal: "O Monstro da Lagoa Negra", dirigido por Jack Arnold, que conta a história de uma expedição na Amazônia brasileira, onde os pesquisadores encontram uma criatura misteriosa que pode ser uma espécie de elo perdido entre mamíferos e anfíbios. O sucesso foi tão grande que garantiu outras duas sequências: A Revanche do Monstro (1955) e À Caça do Monstro (1956).

Outros tipos de monstros que valem a pena serem citados são os zumbis, com seus principais filmes sendo: A Noite dos Mortos Vivos (1968), O Despertar dos Mortos (1978), Invasão Zumbi (2016), e os monstros gigantes, em King Kong (1933 e 2005) e Shin Godzilla (2016).

Assim como o próprio nome sugere, o subgênero é baseado em monstros, personagens não humanos que sofreram mutações ou que apresentam deformações e anomalias, como vampiros, zumbis e lobisomens. Eles estão associados ao estranho, à violência, à escuridão e, em geral, são a representatividade do mal, ou seja, são uma metáfora para reproduzir os medos da sociedade.

O primeiro personagem monstro no universo cinematográfico é do filme alemão O Golem (1915), produzido por Henrik Galeen e Paul Wegener. Contudo, até os dias de hoje, ele se encontra perdido. A obra que faz parte do movimento expressionista alemão é considerada o primeiro filme do subgênero Monstros, pois a trama é pautada em cima de um personagem da lenda judaica, o Golem, que é uma estátua de barro, trazida à vida por meio de um processo místico.

A popularização do subgênero veio na década de 1930, através da criação do universo de Monstros da Universal. Influenciada pelo Expressionismo Alemão, os cenários distorcidos, as maquiagens e as performances, e inspirada na literatura gótica do século XVIII, principalmente seus personagens, a Universal Studios apostou em longas-metragens de terror como Drácula (1931), Frankenstein (1931) e A Múmia (1932), e após o enorme sucesso destes longas, foram produzidas sequências, como A Noiva de Frankenstein (1935) e A Filha de Drácula (1936).



ESCRITO POR: TIAGO NAKAYAMA



# SLASHER

Durante as décadas de 1960 e 1970, o cinema italiano possuía um subgênero que transformaria a estética e narrativa de filmes com assassinatos, chamado "Giallo", com o destaque para o primeiro exemplar intitulado Olhos Diabólicos (Mario Bava, 1963).

A partir do estabelecimento desse recurso linguístico-cinematográfico seriam estabelecidas regras as quais definiriam o enredo dos filmes. Já nos Estados Unidos, nos anos 1970, com a influência daqueles longas italianos, marcou o início do que hoje se conhece como filmes slasher (um subgênero do cinema de terror/horror envolvendo assassinos psicopatas), como O Massacre Da Serra Elétrica (Tobe Hooper, 1974) e Halloween – A Noite do Terror (John Carpenter, 1978). Chegando nos anos 1980, tem-se o auge desse tipo de produção, com franquias como Sexta-Feira 13 e A Hora do Pesadelo, pois se percebia que o custo de produção era barato e havia um grande retorno financeiro nas bilheterias e locadoras.

Infelizmente, tal característica logística e financeira na elaboração dos filmes foi responsável pela decadência do subgênero no final da década de 1980, pois a carência nos orçamentos tornava as produções amadoras e traziam elencos fracos, o que afasta o público. Todavia, o final dos anos 1990 trouxe uma renovação inesperada dessas obras, já que o lançamento de Pânico (Wes Craven, 1996) renova o interesse da audiência por filmes de assassinato ao realizar uma paródia cômica das regras funcionais do subgênero.

A partir disso, é possível discutir quais seriam as características que compõem elementos técnicos, estéticos e narrativos de longas-metragens de assassinatos. Em primeira análise, tem-se um antagonista como um misterioso assassino, com um visual muito próprio de fácil identificação, o qual é a figura mais icônica e populares dos filmes slasher, como o Jason Voorhees de Sexta-Feira 13, Freddy Krueger de A Hora do Pesadelo, Ghostface de Pânico e Michael Myers de Halloween. Ademais, os planos de filmagem focam muito nos atos nefastos dos assassinos, como uma câmera subjetiva para seus olhos; há uma figura de policial/detetive representativa de ordem; existe uma diversidade criativa de matanças; tem-se um(a) mocinho(a) sobrevivente ao final da história, como Sidney Prescott em Pânico e Laurie Strode em Halloween; e também um mistério relacionado à identidade e o passado do vilão.

Sendo assim, o subgênero de terror slasher possui diversos representantes para este tipo de medo, focado na figura humana psicótica, a qual é perigosa para as vidas mundanas das pessoas, e tal abordagem temática é utilizada até hoje nas produções cinematográficas, sejam com refilmagens de clássicos das décadas passadas ou com produções originais, com inspirações e referências daqueles filmes antigos. Dessa forma, além de todas as obras e franquias citadas anteriormente no texto essenciais para assistir e entender obras slasher, aqui vão algumas outras recomendações de produções modernas que se utilizam muito bem dos arquétipos do subgênero ou até mesmo subvertem os mesmos com criatividade, como X: A Marca da Morte (Ti West, 2022) e Hush: A Morte Ouve (Mike Flanagan, 2016).

ESCRITO POR: LUCAS MARIOTTI



# TERROR SOBRENATURAL

Em meados da década de 1970, os horrores da guerra ficam para trás e dão lugar ao terror sobrenatural nas telas de cinema. Com o sucesso espantoso do aclamado *O Exorcista* (William Friedkin, 1973), os filmes com temas além da compreensão humana, como cultos demoníacos, exorcismos e presenças de espíritos, acabaram conquistando o público da época. Contudo, não há uma delimitação temporal para este subgênero, ele é capaz de se reinventar e continuar em alta, pois possui uma fórmula fácil e eficaz.

Quando se fala em sobrenatural, a primeira coisa que nos vem à cabeça é o embate entre bem e mal, presente na maioria de filmes sobrenaturais. Geralmente, há uma família ou um grupo de pessoas que são assombradas por um espírito vingativo. Então, os personagens são atormentados gradativamente até um clímax no qual enfrentam o espírito do mal com a presença de um padre ou elementos religiosos.



Frequentemente, existe uma apropriação de histórias reais nesse subgênero. Quem nunca ouviu um "esse filme é baseado em fatos reais"? Entretanto, estes fatos costumam ser recontados de forma fantasiosa nos filmes, com a finalidade de deixá-los mais interessantes.

A técnica mais utilizada para causar medo neste subgênero é o jumpscare, que consiste em um salto de alguma criatura na tela para assustar o espectador. Amplamente usado nos anos 1980 até os 2000, tal técnica se resume a um aumento progressivo do som e um close-up do personagem investigando um lugar ou a utilização do espaço negativo, mostrando-o sozinho. Com estes pré-requisitos, o som some repentinamente, causando a falsa sensação de segurança, e é seguido do susto, com o som em volume muito alto junto a uma mudança brusca de imagem.

É interessante comentar que este recurso é visto como algo preguiçoso, afinal, é um facilitador para assustar o público sem precisar construir uma atmosfera de fato assustadora.

Muito popular, algumas recomendações importantes do subgênero sobrenatural são: *O Exorcista* (1973), *Carrie – A Estranha* (1976), *Poltergeist – O Fenômeno* (1982), *O Sexto Sentido* (1999), *Sobrenatural* (2010), *A Entidade* (2012) e *Invocação do Mal* (2013).

ESCRITO POR: GUILHERME TOLEDO



# FOUND FOOTAGE



Fundamentado nisto, o estilo de terror ganhou maior visibilidade no final da década de 1990 e início dos anos 2000 com a estreia de *A Bruxa de Blair* (Eduardo Sánchez e Daniel Myrick, 1999), o qual retrata estudantes de cinema fazendo um documentário sobre a lenda da bruxa de Blair. Tal história foi um imenso sucesso de bilheteria, arrecadando duzentos e quarenta e oito milhões de dólares que cobriram sem preocupações o investimento de sessenta mil dólares na produção, o que interessou os produtores de cinema da época. Assim, muitos filmes dos anos seguintes utilizaram de, por exemplo, câmeras de segurança para registrar situações sobrenaturais em uma casa, como em *Atividade Paranormal* (Oren Peli, 2007), ou mesmo câmeras de reportagem para capturar uma equipe jornalística cobrindo uma sinistra reportagem, como em *REC* (Paco Plaza e Jaume Balagueró, 2008). Ademais, uma tendência mais contemporânea do subgênero usufrui das telas de computador e celulares, em uma videoconferência por exemplo, para causar um medo dentro da vida online, como em *Amizade Desfeita* (Levan Gabriadze, 2014), sendo chamados de “desktop horror”.

Com o desenvolvimento de tecnologias de registro em fotos e vídeos, o ser humano conseguiu se apropriar de certos equipamentos mais acessíveis, possibilitando filmagens da vida cotidiana. Dessa forma, tal progresso possibilitou um surgimento de uma nova linguagem cinematográfica dentro do cinema de terror/horror, o qual se trata do subgênero found footage (traduzido como filmagens encontradas), em que existem cenas executadas pelo registro por câmeras dos próprios personagens dentro de um filme, combinando recursos de documentário com ficção.

Como exemplificação, deve-se analisar o contexto de surgimento desta nova maneira de contar histórias tenebrosas. No ano de 1980, é lançado o filme *Holocausto Canibal*, dirigido pelo italiano Ruggero Deodato, em que são apresentados quatro documentaristas que foram filmar tribos indígenas e nunca mais voltaram. Após isso, uma pessoa viaja para encontrar tais profissionais e se depara com rolos de filmes dos mesmos recontando os acontecimentos com os personagens ausentes. A partir deste encontro, constata-se que tal abordagem tem sua origem na literatura, dos chamados romances epistolares, em que o enredo das obras é baseado e contado a partir dos registros textuais dos personagens.



# FOUND FOOTAGE



Por conseguinte, ademais de todas as obras mencionadas anteriormente, existem diversos exemplares desse tipo metalinguístico de terror/horror que valem ser indicados para compreensão do subgênero found footage e sua relação crítica com a linguagem do cinema e com a internet e os novos meios de filmagem e comunicação: *A Visita* (M. Night Shyamalan, 2015); *Spree* (Eugene Kotlyarenko, 2020); e *Cloverfield - Monstro* (Matt Reeves, 2008).

ESCRITO POR: LUCAS MARIOTTI

Portanto, a partir dos exemplares e do contexto histórico estabelecido, é possível definir diversas características linguísticas do subgênero found footage no horror cinematográfico: roteiro de ficção com estrutura documental; imposição de um efeito realista a partir de filmagens amadoras; imperfeição na formalidade cinematográfica e ilusão de documento histórico; caso haja um operador guiando os acontecimentos, há a presença câmera tremida (simbolizando sentimento de ameaça dos personagens); e sensação de proximidade com o espectador através da imersão da filmagem próxima do cotidiano.



# TERROR PSICOLÓGICO

Até o começo da década de 1960, o terror pós expressionismo alemão era visto como produto de "série B" por conta dos baixos orçamentos e das narrativas superficiais. Foi somente com o lançamento de O Bebê de Rosemary (Roman Polanski, 1968) que se iniciou uma pavimentação do terror como algo a ser respeitado, dando ênfase a um subgênero, o psicológico.

Este é outro subgênero que foge de uma delimitação pelo tempo, é considerado um terror mais técnico, que visa criar medo, tensão e desconforto através da criação de uma atmosfera fílmica. Inês Gil, em A atmosfera fílmica como consciência, busca definir esse termo da seguinte forma:

"Liberta-se de um plano, de uma sequência ou da totalidade de um filme, tendo por origem elementos ou conceitos fílmicos tais como o tempo, o espaço, o som, a imagem, o ritmo, a representação dos atores, o enquadramento, a luz, etc. Todos contribuem para a criação da atmosfera, alguns mais do que outros, segundo a escolha do realizador."  
(GIL, 2011, pág. 2).



Partindo desta definição, há a criação de uma atmosfera fílmica no terror psicológico utilizando alguma situação em que o protagonista começa a ter uma deterioração mental, até um ponto em que não sabemos distinguir se aquilo que vemos é real ou fruto de um delírio do personagem. Tal perda das faculdades mentais pode ser por diversas situações. Não é o terror explícito que causa medo, mas a provocação mental que o filme tenta nos causar através destas situações, usando uma linguagem mais sugestiva.

Alguns exemplos de filmes e suas situações são: O Iluminado (1980) e O Farol (2019), que utilizam o isolamento como forte precursor para o enlouquecimento; Hereditário (2018) e Midsommar – O Mal Não Espera a Noite (2019), que trabalham o luto como forma de degradação psicológica; A Bruxa (2015) e Santa Maud (2019), que abordam a religião e liberdade; Boa Noite, Mamãe (2014) e Alucinações do Passado (1990), que discorrem sobre traumas que voltam a assombrar os personagens; além de Psicose (1960), O bebê de Rosemary (1968), O Silêncio dos Inocentes (1991), Mãe! (2017) e O Sacrifício do Cervo Sagrado (2017), que são ótimos exemplos de narrativas que abordam o terror psicológico.

ESCRITO POR: GUILHERME TOLEDO



# GORE

Até o ano de 1966, nos Estados Unidos, estava em vigor o Código de Produção de Cinema, conhecido por Código Hays, que regulamentava e limitava o que podia ou não ser mostrado nas telas, visando a "moral e os bons costumes". Neste período, muitos cineastas foram boicotados e tiveram filmes proibidos.

Neste contexto, temas como a morte e violência não eram explorados na sua potencialidade. Após cair em desuso e ser substituído pelo sistema da classificação indicativa, norma vigente até os dias de hoje, a produção cinematográfica se tornou mais ousada e livre para explorar a injúria física e a violência gráfica, explícita e sem censura como ferramenta de medo. O recurso, denominado gore, então se alastrou pelo cinema com uma corrente de filmes sangrentos, como um subgênero do terror que remete mais a uma técnica de linguagem.

O termo splatter foi cunhado pela primeira vez pelo diretor George A. Romero, referindo-se a seu próprio filme *O Despertar dos Mortos* (1978), que significa respingo, derramamento, como substantivo; e espirrar, respingar, como verbo; o que faz alusão ao sangue sendo espirrado, derramado e respingado, muito presente no gênero. Apesar do termo ter sido cunhado no final da década de 70, já existiam filmes anteriores do gênero, como *Banquete de Sangue* (1963), considerado por muitos o primeiro nesta classificação.



Neste filme, um assassino busca por partes femininas para realizar uma oferenda a uma divindade egípcia, utilizando-se de muita violência gratuita, brutalidade e eviscerações no intuito de gerar desconforto e incredulidade.

Dentro deste subgênero, podemos encontrar filmes muito polêmicos, como a série de japonesa *Guinea Pig* (1985 a 1989), cujo primeiro filme se concentra em expor torturas sofridas por uma mulher sequestrada por três homens. Outro exemplo é *Holocausto Canibal* (1980), cujo enredo gira ao redor que uma equipe de documentaristas que haviam ido à Amazônia filmar tribos canibais e foram dados como desaparecidos.

Apesar do splatter ter tido seus anos de brilho na década de 1980, o subgênero faz sucesso até hoje com vertentes como o torture porn, que eleva o nível da violência, tornando a tortura e as eviscerações o verdadeiro objeto do filme, como pôde ser visto em *Jogos Mortais* (2004), *O Albergue* (2005) e *A Centopeia Humana* (2009).

É válido ressaltar que os outros subgêneros do terror bebem muito de sua fonte, o que nos leva a questionar por que buscamos, a partir destas ferramentas, sentir repulsa e medo, que ora podem ser motivados pela curiosidade, ora podem ser motivados pelo desejo de se chocar com a brutalidade humana.

ESCRITO POR: HARPIA COSTA





Ainda que tenha seu surgimento num contexto involuntário, onde os produtores e a equipe técnica estavam tentando acertar diante de suas limitações, o trash atualmente vem de uma necessidade proposital de experimentação. No cinema, que por não ter amarras e trazer novas críticas e inovações, esta ousadia do trash gera produtos únicos, como o primeiro filme do subgênero *A Casa dos Maus Espíritos* (1959), no qual um milionário oferece dinheiro para um grupo de pessoas para que passem uma noite numa casa supostamente cheia de fantasmas, e a série de filmes mais recente *Sharknado* (2013 a 2017), na qual tornados infestados de tubarões ameaçam a vida das pessoas.

Uma referência nacional do subgênero é o programa televisivo da década de 1990, o *Cine Trash*, que era uma sessão de filmes de terror diária, apresentada por José Mojica Marins, caracterizado como seu personagem mais notório, Zé do Caixão.

Estas produções, apesar de absurdas, são as únicas a atenderem uma fatia do mercado que demanda por excentricidades. Enquanto um filme convencional está muito preocupado em imergir o espectador, as limitações, erros e exageros dos filmes trash acabam por atrair atenção do público para o meio e a linguagem em detrimento da mensagem. Com este respiro de criatividade, o subgênero apresenta suas peculiaridades: objetos e alimentos assassinos, por exemplo, como vistos nos filmes *O Ataque dos Tomates Assassinos* (1978) e *Rubber, o Pneu Assassino* (2010). Elementos como estes levam ao grotesco e provocam algo que não é de se esperar em um filme de terror: o riso.

# TRASH

Apesar de existir um consenso sobre as características do cinema trash, não existe uma definição exata para o subgênero. A palavra trash, por definição, significa lixo, algo que foi rejeitado e descartado. Enquanto subgênero do terror, portanto, é caracterizado por um filme de baixo orçamento, pouca qualidade técnica, muita criatividade e roteiros mais livres da linha lógica de raciocínio. É considerado algo tecnicamente mal feito, propositalmente ou não, ou esteticamente diverso do padrão vigente no mainstream, o cinema dominante.

Visto isso, é importante salientar a importância do trash para o cinema independente e como porta de entrada a novos cineastas, já que suas características o permitem lidar com a escassez de recursos e de técnica. Muitos dos diretores que conhecemos hoje, entre eles o diretor de *O Senhor dos Anéis* e da trilogia do *Homem-Aranha*, começaram suas carreiras neste subgênero.

O subgênero tem suas raízes nas décadas iniciais de Hollywood, onde os cinemas exibiam inicialmente um filme de menor orçamento, com menor duração e produção mais rápida, chamados filmes B, e depois um filme que era a estrela da noite. O custo-benefício do ingresso pelo entretenimento criou uma alta demanda pelo filme B, pavimentando o caminho para a aceitação de produções mais distantes do cinema convencional, o que aos poucos permitiu a consolidação do subgênero. Os realizadores de filmes B, por terem menos a perder em suas produções, desfrutavam de maior liberdade em todo o processo criativo, o que caracteriza e se perpetua no subgênero atualmente.

ESCRITO POR: HARPIA COSTA



# TERROR SOCIAL

Depois de décadas de filmes de terror protagonizados por monstros, assassinos ou forças demoníacas, nos quais a narrativa sustentava o medo e a tensão no imagético do público e na eterna pergunta do "e se fosse comigo?", a contemporaneidade traz uma nova forma de assustar: o medo do real.

Aqui não se trata dos recursos utilizados, por exemplo, pelos filmes found footage, os quais tentam tornar críveis situações sobrenaturais e que tem como fonte do medo o mesmo dos anteriores. O gênero em questão é o pós-terror ou, como iremos chamá-lo, terror social.

A origem desse subgênero remonta as décadas de 1930 e 1940, ainda nos primórdios do cinema de horror, quando o cinema hollywoodiano, adentrando a sua época de ouro, hierarquizava rigidamente os gêneros cinematográficos, considerando uns artisticamente mais ricos que outros. Já de início, o terror foi colocado de lado. Fosse pelas temáticas frequentemente sobrenaturais e macabras ou pela ausência de momentos dramáticos (onde, supostamente, a arte era mais evidente), os filmes que tendiam a assustar os espectadores eram considerados simplesmente ruins.

Mas não há quem negasse sua popularidade. Desde o início, o gênero atraía multidões, fomentando, assim, sua continuidade, e com o tempo a marginalização do cinema de horror acabou aproximando-o de um tipo específico de público: grupos socialmente marginalizados.

É imprescindível destacar que o cinema de horror não era politicamente engajado e socialmente representativo no início, mas a presença de personagens pertencentes a minorias e temáticas tidas como tabus (como o sexo) eram inegavelmente mais fortes nesse gênero do que em qualquer outro de Hollywood.



E qual a relação disso com o pós-terror?

Em partes, o diálogo estabelecido entre pessoas historicamente marginalizadas e o horror incentivou que muitos artistas pertencentes a esse grupo utilizassem deste gênero para expressão artística. Além disso, o fato de o medo ser o tema central dessas obras as torna excelentes ferramentas de denúncias de inimigos sociais. É o caso de Corra! (2017).

O longa dirigido por Jordan Peele, um norte-americano negro, conta a história de um homem negro que viaja com a namorada branca para conhecer sua família. Utilizando-se da já comum ao gênero atmosfera de perigo constante, o filme inova ao colocar como monstro não psicopatas ou criaturas sobrenaturais, mas a própria humanidade.

A família branca da obra representa toda uma sociedade racista que se mantém presa às suas raízes escravistas. A narrativa constrói com genialidade o incômodo e, posteriormente, o perigo do preconceito velado, levando o espectador a emergir na constante interrogativa que perturba o protagonista: ele está cercado de pessoas que apenas reproduzem uma cultura racista ou elas de fato querem matá-lo?

O subgênero segue forte, produzindo obras como O Homem Invisível (2020), Midsommar (2019), Nós (2019) e Corrente do Mal (2014), nos quais a violência contra a mulher, estigmatização de doenças mentais, desigualdade social e doenças sexualmente transmissíveis são abordados, respectivamente, como subtexto de histórias assustadoras.

Seja qual for o futuro do gênero, uma coisa é certa: a sua natureza de levar o espectador ao desconforto sempre fará do terror uma excelente ferramenta de crítica social.

ESCRITO POR: PEDRO SANTIAGO



# TERROR ASIÁTICO

Os filmes de terror sul-coreanos têm como ferramenta principal a utilização da vingança, ou do “han”, na construção de suas narrativas. Han é um conceito sociocultural difícil de traduzir, mas crucial na história coreana, às vezes refletida na cultura popular, como cinema e a música. Em suma, é entendido como rancor ou luto, que é consequência de uma injustiça persistente devida a relações de poder assimétricas ou uma incapacidade de assumir meios para resolver o sofrimento.

Este conceito fica claro na entrevista do diretor coreano Park Chan-Wook concedida a Katie Rife da A.V Club. Nela, ele diz que:

“vingança é sobre algo que já ocorreu, quando você está tentando se vingar, está investindo tudo em um empreendimento que não o levará a lugar nenhum. É uma característica humana se envolver em atos tolos.”

(CHAN-WOOK, 2016. Tradução nossa)



O terror no Japão, por sua vez, tem foco na construção dos terrores psicológico e sobrenatural, com o uso de possessões e espíritos. Contudo, a narrativa japonesa varia dependendo da identidade sociocultural vivenciada no momento.

Antes dos anos 1990, o terror japonês era realizado a partir de um ciclo de horror composto por adaptações de contos populares e personagens folclóricos. Este ciclo foi quebrado a partir do surgimento de filmes sobre tecnofobia, medo aos os aparelhos eletrônicos, nos quais o terror psicológico é gerado a partir deles.

O auge do horror japonês é datado dos anos 2000 com a aplicação de narrativas que abordam a temática do suicídio, principalmente com o clássico *Suicide Club* (2001), que apresenta, a todo momento, casos de suicídio. Tal abordagem, vale ressaltar, não foi uma simples coincidência, uma vez que estes filmes surgiram como uma contrapartida crítica aos altos números de casos de suicídio que ocorriam naquela época no Japão.

No entanto, a partir desse momento, os filmes de terror japoneses entraram em decadência quanto à inovação das suas produções. É notado um grande esforço em recuperar as narrativas antigas a partir da realização de “remakes” de filmes clássicos.

Finalmente, o horror chinês não possui uma relevância tão grande como os japonês e o sul-coreano, porém, tem obras marcantes na indústria cinematográfica, como *The Eye*, que reflete a partir de superstições chinesas tradicionais, da moralidade e filosofia.

ESCRITO POR: GABRIEL SCARPATTI



# TERROR BRASILEIRO



A narrativa dos nossos filmes segue temas bastante lineares desde sua origem. Nota-se que grande parte delas fala sobre os mistérios dentro da temática da vida e da morte, os conflitos entre o bem e mal e a presença de elementos sobrenaturais no cotidiano.

Apesar de poucos exemplares do cinema de horror no território brasileiro, existem alguns exemplares de destaque, sejam eles clássicos, como "À Meia-Noite Levarei Sua Alma" (1964) e "Barão Olavo, o Horrível" (1970), ou até mesmo obras contemporâneas, como "O Animal Cordial" e "Morto Não Fala", ambas de 2018.

ESCRITO POR: GABRIEL SCARPATTI

Não se pode falar sobre terror na história do cinema brasileiro sem passar pela discussão sobre seu baixo número de produções. Antônio Leão, neste ano, registrou em seu livro Dicionário de filmes brasileiros, apenas vinte produções do gênero no país. Percebe-se, através deste número, a problemática que envolve a pequena quantidade de produções de horror no Brasil, tendo em vista que, neste mesmo ano, havia sido produzido um total de três mil quatrocentos e quinze longas-metragens.

Embora o terror brasileiro seja visto com menosprezo, Lúcio Reis, por meio da dissertação "A cultura do lixo", observa que "o cinema de horror jamais se integrou aos paradigmas já estabelecidos da cinematografia mundial do gênero ou dela se tornou vertente. Pelo contrário: acabou estabelecendo suas próprias marcas."



# REFERÊNCIAS

BOMAN, Bjorn. From Oldboy to Burning: Han in South Korean films. *Culture & Psychology*, [S. l.], p. 1 - 14, 1 abr. 2020.

CHAN-WOOK, Park. Park Chan-wook on blending genres and why revenge is meaningless [entrevista concedida a Katie Rife]. *A. V. Club*, 2016. Disponível em: <<https://www.avclub.com/park-chan-wook-on-blending-genres-and-why-revenge-is-me-1798253527>>. Acesso em: 19 de jun. 2022.

A BRIEF Overview on J-Horror. [S. l.: s. n.], 2019. Disponível em: [https://youtu.be/T\\_rTeYVwYXE](https://youtu.be/T_rTeYVwYXE). Acesso em: 20 jul. 2022.

The Eye: Philosophy of Chinese Horror. [S. l.: s. n.], 2020. Disponível em: [https://youtu.be/HrUnf\\_5yvp4](https://youtu.be/HrUnf_5yvp4). Acesso em: 20 jul. 2022.

CÁNEPA, Laura. COMO PENSAR O HORROR NO CINEMA BRASILEIRO?. [S. l.: s. n.], 2012.

BAHOUT, Maria Eduarda. ESTUDO DOS ELEMENTOS DO TERROR PSICOLÓGICO: UMA ANÁLISE DO FILME O ILUMINADO (1980) DE STANLEY KUBRICK. 2012. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Jornalismo) - Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais aplicadas, Centro Universitário de Brasília, [S. l.], 2012.

BEZNOSAI, Barbara. PÓS-TERROR? UMA ANÁLISE SOBRE O TERMO E UMA REFLEXÃO SOBRE O ATUAL MOMENTO DOS FILMES DE TERROR. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em cinema e audiovisual) - Faculdade de Cinema e Audiovisual, Universidade Federal Fluminense, [S. l.], 2019.

GIL, Inês. A ATMOSFERA FÍLMICA COMO CONSCIÊNCIA. *Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura*, n. 2, julho 2011. Disponível em <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2192>>. Acesso em 05 de julho de 2022.

INSIDER. 7 Horror Movies Tricks Used to Scary You. *YouTube*, 20 ago. 2021. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=sftollDqIt0>>. Acesso em 05 jul. 2022.

ABREU, GABRIELLE. O Mundo Trash: Uma Breve Introdução a um Gênero Incompreendido. Disponível em: <http://jornalismojunior.com.br/o-mundo-trash-uma-breve-introducao-a-um-genero-incompreendido/#:~:text=Afinal%2C%20como%20o%20trash%20surgiu,era%20a%20estrela%20da%20noite>. Acesso em 23 de ago. de 2022.

CASTELLANO, Mayka. O Que Há de Grotesco no Riso da Cultura Trash? Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdecomunicacao/article/view/22365/21463>. Acesso em 23 de ago. de 2022.

GONÇALVES, Juliano Ferreira. O Cinema Trash e a Reciclagem da Indústria Cultural. Disponível em: [https://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2017/02/Ebook\\_4\\_o-cinema-trash-e-a-industria-cultural.pdf](https://www.fapcom.edu.br/wp-content/uploads/2017/02/Ebook_4_o-cinema-trash-e-a-industria-cultural.pdf). Acesso em 23 de ago. de 2022.

# REFERÊNCIAS

CARVALHO, João Pedro. Especial | Uma Curta História do Splatter Pelo Tempo. Disponível em: <https://republicadomedo.com.br/especial-uma-curta-historia-do-splatter-pelo-tempo/>. Acesso em 23 de ago. de 2022.

NOGUEIRA, LUÍS. Olhar para o Lado: Imagens Extremas no Cinema\*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-nogueira-cinema-manoeloliveira.pdf>. Acesso em 23 de ago. de 2022.

OLIVEIRA, Vinícius Alves de. Alteridade Radical: a destruição da figura humana nas produções do Cinema Extremo. Disponível em: [http://www.uel.br/cch/cdph/portal/pages/arquivos/Instrumentos-Pesquisa/TRAB-ACADEMICOS\\_DIGITALIZADOS/CIENCIAS\\_SOCIAIS/ALTERIDADE%20RADICAL%20EROTISMO%20MUTILACAO%20E%20TABU%20NAS%20PRODUCOES%20DO%20CINEMA%20EXTREMO.pdf](http://www.uel.br/cch/cdph/portal/pages/arquivos/Instrumentos-Pesquisa/TRAB-ACADEMICOS_DIGITALIZADOS/CIENCIAS_SOCIAIS/ALTERIDADE%20RADICAL%20EROTISMO%20MUTILACAO%20E%20TABU%20NAS%20PRODUCOES%20DO%20CINEMA%20EXTREMO.pdf) . Acesso em 23 de ago. de 2022.

ROCKOFF, Adam. Going to Pieces: The Rise and Fall of the Slasher Film, 1978-1986. Edição: Illustrated. Jefferson (Carolina do Norte): McFarland & Company, 2011.

BARRETO, Gustavo. Slasher: a ascensão e queda de um subgênero. RotaCult, 2019. Disponível em: [rotacult.com.br/2019/02/slasher-a-ascensao-e-queda-de-um-subgenero/](http://rotacult.com.br/2019/02/slasher-a-ascensao-e-queda-de-um-subgenero/) Acesso: 27 de junho de 2022.

Carreiro, R. (2013). A câmera diegética: legibilidade narrativa e verossimilhança documental em falsos found footage de horror. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 40(40), 224-244. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2013.71682> Acesso: 27 de junho de 2022.

Found footage de terror: tudo o que você precisa saber. Qu4rto Studio, 2022. Disponível em: [qu4rtostudio.com.br/post/found-footage-de-terror-tudo-o-que-voce-precisa-saber](http://qu4rtostudio.com.br/post/found-footage-de-terror-tudo-o-que-voce-precisa-saber). Acesso: 27 de junho de 2022.

MASCARELLO, Fernando (org.). História do Cinema Mundial. Campinas – SP: Papyrus, 2006. p. 55-89.

SOUSA, Wanderson David Pacheco de. Passado e presente: diálogos no cinema de terror. Repositório.ufrn.br, 9 set. 2021. Disponível em: [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33964/1/PassadoPresenteCinemaTerror\\_Sousa\\_2021.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33964/1/PassadoPresenteCinemaTerror_Sousa_2021.pdf). Acesso em: 29 ago. 2022.

BEZNOSAI, Barbara Prado. Pós-Terror: Uma análise sobre o termo e uma reflexão sobre o atual momento dos filmes de terror. app.uff.br, 2019. Disponível em: [https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12341/Barbara\\_Beznosai\\_%282019.1%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/12341/Barbara_Beznosai_%282019.1%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 29 ago. 2022.

O GABINETE DO DR. CALIGARI. Direção: Robert Wiene. Produção: Studio Babelsberg. Alemanha: Decla Film, 1920.

NOSFERATU. Direção: F. W. Murnau. Produção: Prana-Film. Alemanha: Film Arts Guild, 1922.

M: O VAMPIRO DE DÜSSELDORF. Direção: Fritz Lang. Produção: Nero-Film. Alemanha: Paramount Pictures, 1931.

METRÓPOLIS. Direção: Fritz Lang. Produção: Universum Film AG. Alemanha: Warner Bros Pictures, 1927.

# REFERÊNCIAS

KLEIN, Esther. Psicologia do medo. Revista Arco – Jornalismo Científico e Cultural, Santa Maria, 29 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/porque-sentimos-medo/>. Acesso em 07 de jul. de 2022.

DUGNANI, Patricio. Monstros no cinema: da obsessão à criação. Researchgate, mar.de 2021. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Patricio-Dugnani/publication/350487513\\_Monstros\\_no\\_cinema\\_da\\_obsessao\\_a\\_criacao/links/606305f792851cd8ce766c81/Monstros-no-cinema-da-obsessao-a-criacao.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Patricio-Dugnani/publication/350487513_Monstros_no_cinema_da_obsessao_a_criacao/links/606305f792851cd8ce766c81/Monstros-no-cinema-da-obsessao-a-criacao.pdf). Acesso em 07 de jul. de 2022.

GOMES, Breno Lira. Monstros no Cinema. 1. ed. [S. l.]: Baltazar Produção e Conteúdo, 2018. 148 p. Disponível em: <https://ccbb.com.br/wp-content/uploads/2021/06/MonstrosnoCinema.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

don't

MON, FRIDAY, APRIL 15

BEST

ufscar



Gets

EXTRA

ris

